

Desenvolvimento de Habilidades Musicais em Crianças Autistas: Um Projeto de Extensão e Pesquisa

Claudia Eboli C. Santos¹
UNIRIO/DOCTORADO/PPGM
SIMPOM: *Educação Musical*
claudiaeboli@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta a implementação e o funcionamento do Projeto de Extensão “Desenvolvimento de habilidades musicais em crianças autistas” que é a parte empírica da pesquisa de doutorado “Potencialidades e Talento: um estudo sobre as habilidades musicais em crianças com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)”, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) desde agosto de 2014. Participaram do Projeto 20 crianças com TEA na faixa de 6 a 14 anos. Divididas em pequenos grupos, essas crianças participaram de encontros musicoterapêuticos/pedagógicos-musicais gratuitos, semanais. Tivemos por objetivos identificar e avaliar o desenvolvimento das habilidades musicais desses sujeitos, tomando a identificação inicial dessas habilidades como ação fundamental para a elaboração de estratégias que contribuam com o seu desenvolvimento musical global. Para a identificação/avaliação das habilidades musicais dos sujeitos, elaboramos um instrumento de observação cujos critérios dizem respeito ao comportamento musical dos indivíduos em geral. Além dos objetivos direcionados ao desenvolvimento musical dos sujeitos, o projeto se propôs, também, a alcançar objetivos relativos à melhora da comunicação e interação social dos mesmos.

Palavras-chave: Educação musical especial; Musicoterapia; Habilidades musicais; TEA.

Development of Musical Skills in Autistic Children: an Extension and Research Project

Abstract: This article presents the implementation and the operation of the Extension Project "Development of musical skills in autistic children" which is the empirical part of the doctoral research "Potential and Talent: a study of musical skills in children with Autism Spectrum Disorders (ASD)" under development in the Music Program Post-Graduate (PPGM) of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO) since August 2014. Project participants were 20 children with ASD in the range 6-14 years. Divided into small groups, these children participated in weekly free music therapy/ educational-musical meetings. The objective was to identify and evaluate the development of musical skills of these individuals, taken the initial identification of the musical skills as a key action for the development of strategies that could contribute to their overall musical development. For identification/evaluation of musical skills of the individuals we made an observation

¹ Orientadora: Profa. Doutora Mônica de Almeida Duarte. Bolsa CAPES.

instrument whose criteria relate to the musical behavior of individuals in general. In addition to the goals directed to the musical development of the individuals, the project is also proposed to achieve objectives related to the improvement of communication and social interaction thereof.

Keywords: Special music education; Music therapy; Musical skills; ASD.

1. Introdução

Uma quantidade extensa de trabalhos, com abordagens diversas, tem demonstrado que a música pode ser uma ferramenta valiosa de tratamento e, também, de aprendizagem nos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) (DSM-5)², além de ser uma forma de expressão e comunicação mais acessível aos indivíduos com esses transtornos (FRAZIER, 2010; LANOVAZ et al., 2011; GATTINO, 2012; LOURO, 2014). No entanto, a complexidade das relações entre música e autismo sugere que se aprofunde ainda mais as pesquisas nessa área.

Este artigo, que apresenta o Projeto de Extensão “Desenvolvimento de habilidades musicais em crianças autistas” ocorrido no Instituto Villa Lobos da UNIRIO entre março e dezembro de 2015, tem origem na pesquisa de Doutorado “Potencialidades e talento: um estudo sobre as habilidades musicais em crianças com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)” em andamento no PPGM/UNIRIO, aprovada pelo comitê de ética da mesma instituição. Com abordagem qualitativa, a pesquisa utiliza como método o estudo de casos múltiplos (YIN, 2005). Além da implementação do Projeto de Extensão apresentamos, também, algumas reflexões teóricas a respeito do seu funcionamento.

2. O Projeto “Desenvolvimento de habilidades musicais em crianças autistas”: o que é e quais seus objetivos

Proposto ao colegiado do Departamento Musical (DEM) para ser realizado durante o ano letivo de 2015, o Projeto foi aceito como de Extensão Universitária, pensado para ser o campo empírico da pesquisa de doutorado citada anteriormente. Com uma dinâmica de encontros musicoterapêuticos/pedagógicos-musicais semanais e gratuitos, contemplou crianças que se encontravam dentro do espectro autístico com idades entre 6 e 14 anos e 11 meses.

Teve como objetivo final investigar o processo de desenvolvimento das habilidades musicais das crianças, sujeitos da pesquisa, verificando o papel da aprendizagem musical por imitação nesse processo. A identificação inicial das habilidades musicais das

² O *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5) foi publicado pela American Psychiatric Association (APA) em 2013.

crianças foi tomada como ação fundamental para a elaboração de estratégias que possam contribuir para o seu desenvolvimento musical global. Outros objetivos, como desenvolver a capacidade de interação e comunicação, também fizeram parte da nossa proposta.

2.1 A implementação

A partir do aceite do colegiado do DEM, algumas providências foram tomadas para a concretização do Projeto de Extensão como, por exemplo: encontrar o espaço adequado, selecionar os instrumentos musicais que seriam necessários e verificar os horários disponíveis. Foi-nos cedida uma sala de aula onde são ministradas as oficinas (aulas práticas) do curso de licenciatura em música, com espaço suficiente para realizarmos os encontros. Essa sala já possuía instrumentos musicais, na sua maioria de percussão como atabaques, surdos, tambores, pandeiros, chocalhos, metalofones, xilofones, reco-recos e também um piano de armário em boas condições. Outros instrumentos, como teclados e violões, foram doados após a divulgação do Projeto nas redes sociais e no site da UNIRIO. Com essa divulgação, que começou em setembro de 2014, imediatamente começaram as solicitações para a participação no Projeto de Extensão. A quantidade de pais/responsáveis que entraram em contato foi surpreendente e além das 20 crianças que foram cadastradas, outras 60 entraram para uma lista de espera, caso o Projeto tivesse continuidade no ano de 2016. Observou-se, com essa demanda e pelos relatos dos responsáveis, que é muito escassa a oferta de Musicoterapia em Instituições do Estado, e que não há proposta semelhante à do Projeto (encontros musicoterapêuticos/pedagógicos-musicais gratuitos) sendo oferecida às crianças com TEA no Rio de Janeiro.

2.2 O cadastramento/avaliação das crianças

No processo de cadastramento e avaliação das crianças, que durou o período entre 3 de outubro e 28 de novembro de 2014, as 20 vagas oferecidas foram preenchidas de acordo com a ordem de procura para que não houvesse parcialidade na escolha dos sujeitos.

Os pré-requisitos para a participação no Projeto, ou seja, os critérios de inclusão eram o diagnóstico de autismo (sem comorbidade) dado por um médico, faixa etária que deveria estar entre seis e 14 anos e 11 meses e a autorização dada pelos responsáveis legais das crianças, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O processo de cadastramento envolveu, além das avaliações das crianças, entrevistas com os seus responsáveis. A avaliação das crianças teve como objetivo verificar o comportamento musical que elas apresentavam, ou seja, como reagiam aos estímulos sonoros,

se apresentavam alguma habilidade musical³ e também verificar seu comportamento social e emocional⁴.

Com as avaliações pudemos observar que o comportamento autista das crianças variava entre leve, moderado e grave, sendo que a idade da criança, muitas vezes, influenciava nessa classificação. De acordo com o DSM-5 (APA, 2013) o transtorno do espectro do autismo é uma condição com sintomas que apresentam diferentes níveis de severidade em dois domínios, a saber: 1) déficit na comunicação e interação social e 2) comportamentos, atividades e interesses repetitivos e restritivos⁵.

As entrevistas com os responsáveis consistiram em aplicação de um questionário com perguntas abertas sobre a história da criança desde a gestação até o momento atual (anamnese), com maior relevância às informações sobre sua (da criança) relação com a música e os sons do ambiente. O questionário foi seguido de conversa informal com a pesquisadora, onde os responsáveis puderam complementar informações que eles considerassem importantes. Essas informações, então, foram acrescentadas ao questionário.

2.3 O cadastramento dos estagiários/voluntários.

A princípio, a ideia era selecionar os estagiários entre os alunos de licenciatura em música da própria UNIRIO e entre os alunos do curso de musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música, mas, em função de compromissos já assumidos desses alunos com outras instituições, não foi possível. Entretanto, com a divulgação do Projeto nas redes sociais, houve uma grande procura de profissionais e estudantes interessados, dispostos a trabalhar de forma voluntária. Após uma entrevista coletiva, selecionamos aqueles que tinham disponibilidade no horário definido para a realização do Projeto e um perfil compatível com sua dinâmica e seus objetivos. No início do Projeto tivemos uma musicoterapeuta, um psicólogo/músico e uma educadora musical com formação em enfermagem, todos eles com alguma experiência, em suas práticas, com crianças autistas.

Esses jovens, com saberes construídos em áreas diversas, vieram para o projeto com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos de como trabalhar com crianças com TEA

³ Como cantar, tocar, acompanhar pulsação ou variações rítmicas.

⁴ Interagiu com a pesquisadora? Demonstrou medo? Demonstrou comportamento agressivo? Apresentou bom desenvolvimento da fala e linguagem?

⁵ Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) é uma nova denominação encontrada no DSM-5, que reflete um consenso científico de que quatro patologias previamente separadas são atualmente uma única condição com diferentes níveis de gravidade dos sintomas, em dois domínios fundamentais. TEA agora engloba o anterior (DSM-IV) transtorno autista (autismo), transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação. TEA é caracterizado por 1) déficits na comunicação e interação social e 2) atividades e interesses repetitivos e restritivos (APA, 2013) (tradução nossa).

em contextos onde a música é a ferramenta para se alcançar benefícios que ultrapassam a área pedagógica. Como o Projeto é parte de uma pesquisa transdisciplinar que transita pelas áreas da saúde (musicoterapia) e da educação (educação musical especial), nada mais coerente com a ideia do Projeto do que incluir estagiários/voluntários advindos de áreas afins.

No segundo mês de funcionamento do Projeto, a educadora musical pediu desligamento em função de ter conseguido trabalho remunerado. Ficaram, então, até o final do Projeto, a musicoterapeuta e o psicólogo/músico.

2.4 A dinâmica dos encontros – o funcionamento

A fase do projeto piloto, ou fase exploratória, durou o período de março a julho de 2015. Começamos a trabalhar com as 20 crianças que foram cadastradas, em grupos de duas, três e quatro crianças, no máximo, divididas por faixa etária e por nível de severidade. Com carga horária de 6 horas semanais, os encontros aconteceram às sextas-feiras, com duração de 50 minutos cada grupo.

As atividades musicais desenvolvidas durante os encontros tiveram como característica a escuta atenta da pesquisadora ao que a criança demonstrava em termos de comportamento musical. A criança indicava o caminho e a pesquisadora seguia. A partir desse caminho, variações poderiam surgir e atividades mais direcionadas àquilo que gostaríamos de verificar ou desenvolver musicalmente, poderiam ser sugeridas.

Trabalhamos com formas interativas de atividades musicais, inspiradas nas metodologias ativas da educação musical (MATEIRO; ILARI, 2011) e nos métodos da musicoterapia como a improvisação e a re-criação (BRUSCIA, 2000). Barcellos chama de musicoterapia interativa aquela na qual o “musicoterapeuta e o paciente estão ativos no processo de fazer música” (BARCELLOS, 2004, p. 106). Além disso, baseamos toda nossa conduta musical no modelo Shared Affective Motion Experience – SAME (MOLNAR-SZAKACS & OVERY, 2006) que valoriza a experiência musical compartilhada e que virá explicitado abaixo, no item referencial teórico.

O papel dos estagiários/voluntários na dinâmica dos encontros era dar suporte físico e musical à pesquisadora nas atividades desenvolvidas. A participação era alternada e em algumas ocasiões a pesquisadora ficava na posição de apenas observar. Ou seja, alternamos nossas participações em busca de uma dinâmica que não promovesse o estresse nas crianças.

A proposta do Projeto não incluía a participação dos responsáveis nos encontros a não ser que fosse absolutamente necessário como, por exemplo, em caso de dificuldade de adaptação. Isso ocorreu com algumas poucas crianças logo no início do Projeto, mas ao longo do seu desenvolvimento todas as crianças ficaram bem adaptadas.

3. Referencial teórico

O que apresento aqui é apenas uma pequena parte do quadro teórico que utilizo na pesquisa que inclui, além das neurociências, outras áreas de conhecimento como educação, psicologia e musicoterapia. Fizemos um recorte na área das neurociências porque o Projeto de Extensão trabalhou com algumas hipóteses, que estão sendo apontadas pelos neurocientistas como função do sistema de neurônios espelho como, por exemplo, a de que os indivíduos autistas aprendem música por imitação. Essas hipóteses serão, ou não, confirmadas ao final da análise dos dados.

3.1 As pistas da neurociência sobre as relações entre música e autismo

Um crescente interesse dos pesquisadores pela neurociência vem sendo observado no Brasil nos últimos anos, se destacando como referencial teórico quando a relação da música com o funcionamento do cérebro é investigada. Esse interesse parece refletir uma mudança de paradigma tanto nas ciências humanas como nas biológicas, incluindo-se no terreno da interdisciplinaridade, no qual as especializações dão lugar à unificação de áreas como as ciências e as artes⁶.

Com o avanço da tecnologia e a introdução de novas técnicas de neuroimagem como a ressonância magnética funcional (RMF), a visualização das atividades cerebrais e o estudo das mudanças funcionais e topográficas da atividade cerebral durante a realização de atividades que implicam funções mentais complexas, como tocar um instrumento, por exemplo, ficou mais acessível. Nesse sentido, muito tem se discutido sobre efeitos neuroplásticos resultantes do treino musical. Já é sabido que a aprendizagem musical corrobora outros tipos de aprendizagem e quanto mais se aprende mais se pode aprender (SCHLAUG et al., 2005).

Um sistema de neurônios que começou a ser estudado na década de 1980 e ficou conhecido como “sistema de neurônios espelho” (SNE) (RIZZOLATTI; DESTRO, 2010) está sendo relacionado, atualmente, com várias funções complexas do cérebro, e a sua disfunção tem sido apontada como uma das causas do autismo (RAMACHANDRAN; OBERMAN,

⁶ Ver MUSKAT, 2000.

2006). Molnar-Szackacs et al. (2009) revelam que, em função de um mau funcionamento do SNE nos indivíduos com TEA, algumas capacidades cognitivas⁷ estariam prejudicadas. Paradoxalmente, esse mesmo sistema ofereceria um correlato neural para a especial apreciação da música pelos indivíduos com TEA.

Os erros de imitação em pacientes com TEA parecem sugerir que eles têm um déficit na capacidade de traduzir os planos de ação a partir da perspectiva dos outros para si. Diferenças no processamento de emoções entre os indivíduos com desenvolvimento típico e seus pares com TEA também são observáveis em nível neural. Um estudo de neuroimagem recente investigando imitação de expressões faciais emocionais mostrou que as crianças com autismo têm praticamente nenhuma atividade no SNE em comparação com o grupo controle de desenvolvimento típico, ligando claramente o seu isolamento social a um sistema neural importante para a compreensão das intenções, ações e emoções dos outros. Assim, o SNE oferece um substrato neural potencial para a compreensão das dificuldades sociais enfrentadas pelos indivíduos com TEA, enquanto paradoxalmente, o SNE também pode oferecer um correlato neural para a apreciação especial da música mostrada por indivíduos com TEA (MOLNAR-SZACKACS et al., 2009, p. 91)⁸ (tradução nossa).

Molnar-Szackacs & Overy (2006), pesquisadores que se dedicam à investigação da relação da música com o autismo, relatam que o SNE, além de estar associado com uma variedade de funções complexas, teria também uma possível relação com o aprendizado da música por imitação.

Esses pesquisadores também investigam a associação do sistema de neurônios espelho ao reconhecimento de emoções nos indivíduos com TEA (MOLNAR-SZACKACS & OVERY, 2006, 2009). Eles propõem um modelo de experiência musical (Shared Affective Motion Experience – SAME) para ser utilizado na musicoterapia e na educação musical especial, que indica uma possível contribuição dos neurônios espelho na conexão entre córtex auditivo e sistema límbico, responsável pelas emoções, o que teria implicações na percepção de emoções evocadas por música.

⁷ Como por exemplo, a de imitar expressões faciais ou entender a intenção ou as ações dos outros.

⁸ The errors of imitation in patients with ASD, seem to suggest that they have a deficit in a basic ability of translating action plans from the perspective of others to themselves. Differences in emotion processing between typically developing individuals and their peers with ASD are also observable at a neural level. A recent neuroimaging study investigating imitation on emotional facial expressions has shown that children with autism have virtually no activity within the MNS compared to typically developing controls, clearly linking their social isolation to a neural system important for understanding the intentions, actions, and emotions of others. Thus, the MNS offers a potential neural substrate for understanding the social difficulties encountered by individuals with ASD, while somewhat paradoxically, the MNS may also offer a neural correlate for the special appreciation of music shown by individuals with ASD (MOLNAR-SZACKACS et al., 2009, p. 91).

O modelo SAME tem como característica valorizar a experiência musical compartilhada na qual a interação, comunicação e aprendizado são facilitados e acontecem em estreita relação com as emoções. Os autores colocam que,

Quando o grupo que está fazendo música atinge um determinado nível de cooperação e coordenação, a sensação de união e compartilhamento de objetivos pode ser extremamente poderosa. Mesmo fazendo contribuições musicais totalmente diferentes para tecer uma textura musical, ou todos produzindo exatamente os mesmos sons, o conjunto é muito maior que as partes individuais. O som que emerge é o som do grupo, criado por um senso de propósito compartilhado. Os gestos e ações intencionais são simplesmente um meio para um fim: atividades coordenadas e a experiência afetiva que resulta do som. (MOLNAR-SZAKACS & OVERY, 2009, p. 495)⁹ (tradução nossa).

Eles sugerem ainda que a imitação, sincronização e experiência compartilhada podem ser a chave para aspectos do comportamento musical humano, assim como para o trabalho educacional e terapêutico usando a música. Nesse sentido, Muskat coloca que “a música, mais que qualquer outra arte, tem uma representação neuropsicológica extensa. Por não necessitar de codificação linguística, tem acesso direto à afetividade, às áreas límbicas, que controlam nossos impulsos, emoções e motivação” (2000, p.72).

A emoção que perpassa a experiência musical compartilhada deixa registros no cérebro que podem abrir novas vias pelas quais os indivíduos autistas podem seguir. Acreditamos que a emoção envolvida na experiência musical compartilhada pelos sujeitos autistas, possa ser expressa em outros contextos, no seu dia a dia, na escola, na família, etc.

4 Procedimentos metodológicos

4.1 A coleta dos dados

A coleta dos dados se deu em duas fases. Na fase exploratória, que durou o período de março a julho de 2015, a coleta não tinha por objetivo a análise mais aprofundada dos dados, ela serviu para podermos verificar se haveria a necessidade de alguma alteração no funcionamento do projeto. Com o término da fase exploratória, no fim do primeiro semestre de 2015, demos início, em agosto, à fase sistemática de coleta dos dados que terminou em dezembro de 2015. Nesta fase, com as alterações e ajustes que ocorreram durante a fase exploratória, 14 crianças permaneceram no Projeto.

⁹ When group music-making reaches a certain level of cooperation and coordination, the sense of shared purpose and togetherness can be extraordinarily powerful and even threatening. Whether making entirely different musical contributions to weave a musical texture, or all producing exactly the same sounds, the whole is much greater than the individual parts. The emerging sound is a group sound, created by a sense of shared purpose. The intentional gestures and actions are simply a means to an end: coordinated activity and the affective experience that results from the sound (MOLNAR-SZAKACS & OVERY, 2009, p.495).

A coleta sistemática dos dados foi feita por meio da observação participante da pesquisadora nos encontros e por meio dos instrumentos auxiliares como os diários de campo, a ficha de identificação das habilidades musicais dos sujeitos e as filmagens, que servirão para verificação da confiabilidade dos resultados.

4.2 Os instrumentos de coleta

4.2.1 Diários de campo

Os diários de campo foram redigidos com objetivo de registrar dúvidas, a interpretação e o sentimento a respeito do que ocorre nos encontros e registrar também acontecimentos ou situações que não estão diretamente relacionados com o comportamento musical das crianças, que se sobressaem e que consideramos importantes para uma análise mais global do contexto. Além disso, comportamentos musicais que não fossem contemplados na ficha de identificação das habilidades musicais deveriam ser registrados no diário. Alves-Mazzotti & Gewandsznajder chamam-no “de diário reflexivo” e consideram-no “um precioso auxiliar para a análise dos dados” (1998, p.176), permitindo a avaliação das necessidades de mudanças nos procedimentos durante a investigação.

4.2.2 Ficha de identificação/avaliação das habilidades musicais

A ficha de identificação das habilidades musicais foi pensada para ser um instrumento auxiliar da observação participante da pesquisadora. Utilizamos uma observação da quantificação dos comportamentos musicais em forma de escala, “que permite estimar o grau em que um determinado comportamento ocorre e fazer um julgamento qualitativo sobre esse comportamento ou atividade” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.167).

Essa ficha foi elaborada de maneira que as habilidades musicais estivessem numa ordem crescente em termos de complexidade¹⁰. A escala de quantificação que utilizamos diz respeito à frequência que determinado comportamento musical aparece durante o atendimento (sempre; frequentemente; às vezes; nunca). Na fase de análise dos dados pretendemos traçar um gráfico da evolução do desenvolvimento musical dos sujeitos, tendo em conta a identificação do nível de desenvolvimento que eles apresentaram no início e ao fim do projeto. Com isso, torna-se possível identificar como se deu o desenvolvimento das habilidades musicais dos sujeitos da pesquisa.

¹⁰O primeiro item a ser identificado será se a criança reage corporalmente aos estímulos sonoros/musicais e o último se a criança improvisa ou compõe, passando pela capacidade de manter o pulso da música ou do ritmo proposto; acompanhar variações rítmicas; mostrar preferência por algum instrumento musical; vocalizar ou cantar com letra; manter afinação e acompanhar mudanças de tonalidade; reproduzir/imitar melodias, cantando ou tocando; e se compartilha a experiência musical.

4.2.3 Filmagem dos atendimentos

O recurso da filmagem, geralmente, é utilizado para maximizar a confiabilidade dos resultados das pesquisas. De acordo com Bauer e Gaskell, o “vídeo tem a função óbvia de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola” (2012, p. 149). A filmagem das ações no Projeto tem por objetivo contribuir para uma análise mais clara do que ocorreu nos encontros, num procedimento que visa à conferência e comparação com o que foi preenchido nas fichas de identificação/avaliação das habilidades musicais dos sujeitos da pesquisa. A filmagem tem a vantagem de demonstrar realisticamente o que ocorre nos encontros em termos do que, musicalmente, os sujeitos apresentam¹¹. Numa pesquisa na qual o que se pretende verificar é o desenvolvimento musical global dos sujeitos a filmagem com estas características, ou seja, juntando som e imagem, pode ser de grande auxílio na avaliação desse desenvolvimento.

4.2.4 Questionário para os responsáveis ao final do Projeto

O questionário aplicado para os responsáveis das crianças no final do Projeto teve por objetivo verificar como eles (os responsáveis) enxergaram o impacto das ações produzidas durante os encontros, na musicalidade e na forma de comunicação/interação social das crianças no seu dia a dia. O questionário foi elaborado com perguntas abertas que dizem respeito especificamente ao comportamento musical, social e comunicacional das crianças fora do ambiente do Projeto. A análise das respostas dos responsáveis nos dará a possibilidade de avaliar qualitativamente o tipo de impacto gerado nos domínios já citados e comparar com os dados coletados pelos outros instrumentos, também já citados anteriormente.

5. A análise dos dados e alguns resultados parciais

O Projeto de Extensão foi concluído em dezembro de 2015 com uma apresentação musical coletiva das crianças e a partir do início do primeiro semestre de 2016, com a organização dos dados coletados, pretendemos iniciar a fase de análise sistemática com vistas aos resultados finais, que deverão estar concluídos em 2018. A análise será feita por triangulação dos dados coletados pelos vários instrumentos e servirá para identificar a evolução musical global dos sujeitos da pesquisa ao fim do Projeto. De acordo com Yin, “a vantagem mais importante que se apresenta no uso de fontes múltiplas é o desenvolvimento

¹¹ O canto pode ser demonstrado pelos sujeitos de várias maneiras, assim como o resultado sonoro do que eles tocam pode ter uma variedade de nuances que a gravação do som auxilia a desvelar.

de linhas convergentes de investigação, um processo de triangulação” (2005, p. 126). Ou seja, as várias fontes de evidências vão fornecer várias avaliações do mesmo fenômeno que é o desenvolvimento musical dos sujeitos. Além disso, os questionários aplicados aos responsáveis ao final do Projeto trazem informações referentes ao dia a dia da criança no que diz respeito ao desenvolvimento ou não da musicalidade, capacidade de interação e comunicação a partir da participação no Projeto.

Apesar de a análise sistemática estar apenas no início, alguns resultados parciais já podem ser relatados se valendo da simples observação da equipe que trabalhou no Projeto. Vale ressaltar que o Projeto transitou nas áreas da musicoterapia e da educação musical especial e portanto com objetivos de verificar o desenvolvimento de capacidades nas duas áreas. As crianças, ao final do Projeto, numa apresentação coletiva dirigida aos responsáveis e familiares, demonstraram desenvolvimento musical e aumento da capacidade de interagir e se comunicar, o que poderá leva-los a um melhor convívio social. Observamos, também, um aumento da autoestima, o que pode criar a possibilidade do reforço da construção de uma identidade (como músico?) e da subjetividade (como sujeito?) que, geralmente, estão presentes no indivíduo autista de forma muito sutil.

Considerações finais

O Projeto de Extensão “Desenvolvimento de habilidades musicais em crianças autistas” desenvolvido na UNIRIO, por tratar-se de musicoterapia/educação-musical, recebendo crianças que fogem do padrão, que não se comunicam adequadamente e que têm um comportamento fora do usual, representa uma novidade numa instituição de ensino que está voltada para a formação de docentes em música e instrumentistas de alto desempenho. Houve, sim, certo estranhamento por parte de alguns poucos professores que se incomodavam com o tipo de expressão sonora/musical que as crianças produziam. Mas, de uma maneira geral, o Instituto Villa-Lobos da UNIRIO recebeu esse projeto sem ressalvas, e a universidade quando está aberta a novas experiências e valoriza o intercâmbio com a comunidade, diminui seus riscos de se transformar num espaço monolítico, rígido.

Indo contra uma concepção positivista do conhecimento, que costuma fazer a cisão entre teoria e prática, entre o pensar e o fazer, construímos com o Projeto parcerias que possibilitam a produção de conhecimentos que une teoria à prática, pensamento à ação e que acabam sendo compartilhados com a universidade e a comunidade. Dessa maneira acreditamos estar contribuindo para fortalecer um paradigma que questiona “uma visão monocultural do saber que elegeu a ciência moderna como critério único de verdade e a

universidade e os seus intelectuais como os legítimos representantes desse saber” (ARAÚJO, 2011, p. 202).

Temos a esperança, então, de poder dar continuidade ao projeto como um espaço permanente de musicoterapia/educação-musical gratuito aberto à comunidade autista e aberto, também, à comunidade acadêmica para que discentes e docentes interessados possam aprofundar a pesquisa de tema tão instigante que é a relação da música com o autismo.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, ALDA. J. & GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas Ciências Naturais e Sociais*. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ARAÚJO, M. S. Pensando Práticas e Saberes na Formação Continuada de Professores/as in *Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. ANPED, p. 193-205, 2011.
- BARCELLOS, L. R. M. *Musicoterapia: alguns escritos*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.
- BAUER M. W. & GASKELL, G. (Orgs.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho Guareschi. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRUSCIA, K. E. *Definindo musicoterapia*. Trad. Mariza Conde. 2ª ed. Rio de Janeiro; Enelivros, 2000.
- FRAZIER, T. K. *Learning to play and perform on musical instruments and the sociobehavioral benefit to students on the autistic spectrum*. Antioch University Seattle. December, 2010.
- GATTINO, G. S. Musicoterapia aplicada à avaliação não verbal de crianças com transtorno do espectro autista: revisão sistemática e estudo de validação. Tese de Doutorado. UFRGS, 2012.
- LANOVAZ et al. Effects of music on vocal stereotypy in children with autism. *Journal of applied behavior analysis*, number 3, p. 647–651, 2011.
- LOURO, V. S. Jogos musicais, Transtorno do Espectro Autista e Teoria da Mente: um relato de experiência *Anais do X Simpósio de Cognição e Artes Musicais*, 2014.
- MATEIRO, T.; ILARI B. (Org.) *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibepex, 2011.
- MOLNAR-SZAKACS, I.; OVERY, K. (2006). Music and mirror neurons: from motion to ‘e’motion. Downloaded from <http://scan.oxfordjournals.org/> by guest on February 9, 2014.
- _____. Being together in time: musical experience and the mirror neuron system. *Music perception*, vol. 26, p. 489-504, 2009.
- MUSZKAT, M.; CORREIA, C.; CAMPOS, S. Música e Neurociências. *Rev. Neurociências* 8(2): p. 70-75, 2000.
- RAMACHANDRAN V.; OBERMAN L. *Broken Mirror: a theory of autism*, 2006.

RIZZOLATTI G.; DESTRO M. Mirror neurons: from discovery to autism. *Exp Brain Res*, 200: p. 223–237, 2010.

SCHLAUG, G.; NORTON, A.; OVERY, K.; WINNER, E. Effects of music training on the child's brain. *Annals new york academy of sciences*, 2005.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi, 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.